

Desvalorização vai agravar a concentração de renda

Renda 'per capita' que em 97 ultrapassou marca histórica de US\$ 5 mil por ano deve recuar quase mil dólares em 99

Zeca Fonseca

Flávia Oliveira

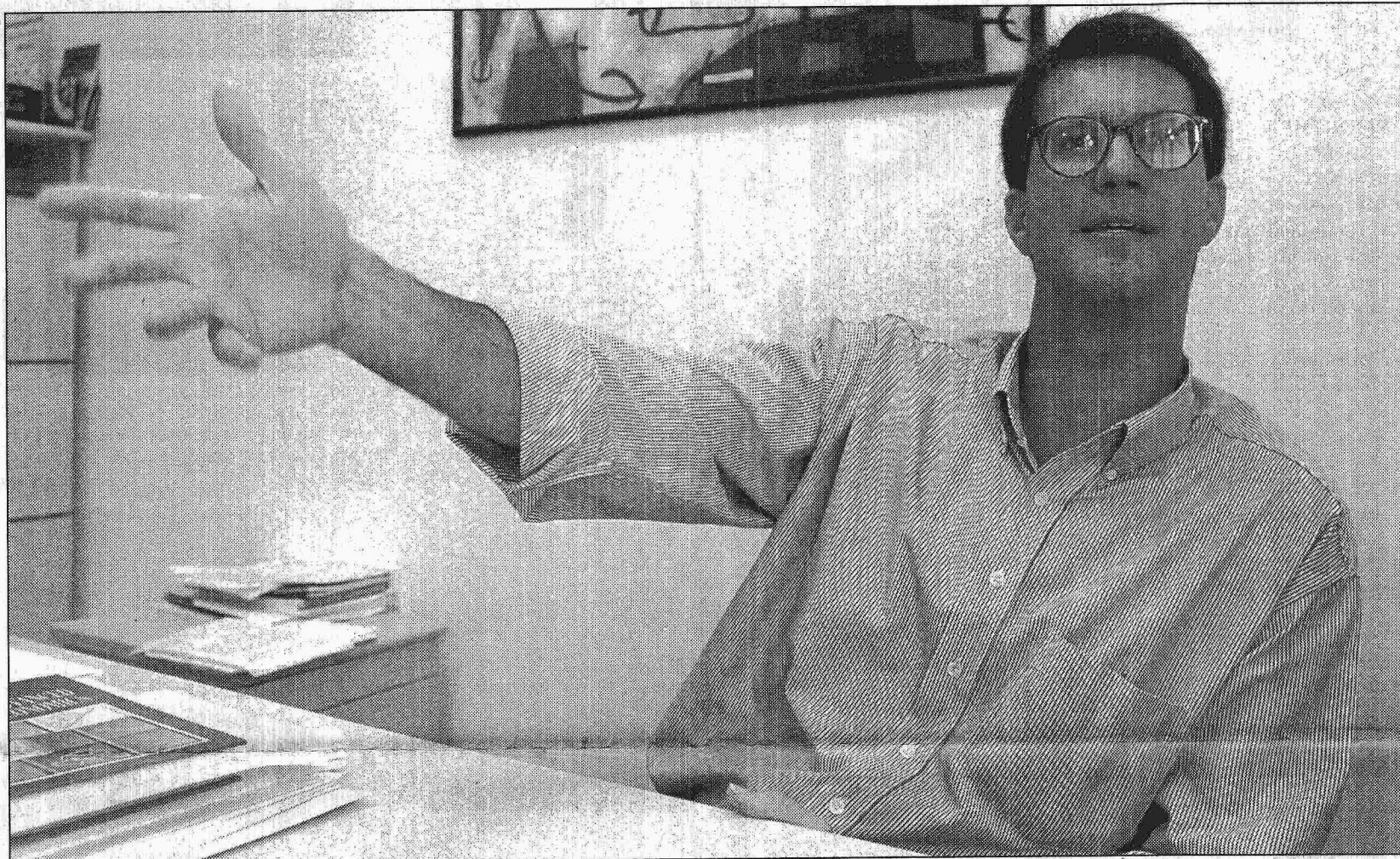
• O terremoto que está sacudindo a economia brasileira desde os primeiros dias de 1999 vai deixar destrocada uma parte da população que jamais tocou numa nota de dólar. A traumática desvalorização da moeda nacional e o conseqüente aumento da inflação, que tende a ultrapassar 10% no ano, vão agravar uma das mazelas do país: a má distribuição de renda. Com a previsão de queda no Produto Interno Bruto (PIB), a renda *per capita* nacional — que em 1997 atingira o melhor desempenho da História ao ultrapassar US\$ 5 mil por ano — deve recuar quase mil dólares e voltar ao nível do primeiro ano do Plano Real.

A conta foi feita pelo economista-chefe do Lloyds Bank, Odair Abate, a pedido do GLOBO, com base na estimativa que o próprio Banco Central fez para o PIB brasileiro de 1998. O país, segundo o BC, produziu no ano passado US\$ 780,025 bilhões contra US\$ 804 bilhões em 1997. Somente isso já fez a renda *per capita* — o PIB dividido pelo total de habitantes — cair de US\$ 5.037 para US\$ 4.821 por ano. Contudo, a expectativa de queda real de 4% na atividade econômica e de inflação de 8% entre julho de 98 e junho deste ano fez Abate chegar a um PIB de US\$ 660,9 bilhões para 99. Com isso, cairia para US\$ 4.054 a renda de cada brasileiro se toda a riqueza produzida no país fosse igualmente dividida entre seus habitantes.

Abate: mais pobres sentirão muito os efeitos dessa crise

— A queda da renda será muito forte, porque a desvalorização corrói os ganhos da população. Os mais pobres sentirão muito os efeitos dessa crise — diz Abate.

O economista do banco inglês não está sozinho nessa análise. Gustavo Gonzaga, diretor do Departamento de Economia da PUC-RJ, é outro que prevê violenta redução na renda média do Brasil, que está entre as nações mais desiguais do mundo. Gonzaga especializou-se em análises sobre o mercado de trabalho e afirma que desvalorização cambial sempre resulta em empobrecimento. No cenário mais otimista que consegue traçar para 99, o economista da PUC projeta desvalorização cambial de 30%, inflação de 10% a 15%, queda de 3% para o PIB:



GUSTAVO GONZAGA, diretor do Departamento de Economia da PUC: o ajuste não se fará com aumento do desemprego, mas com redução real de salário

— Haverá um choque muito negativo no mercado de trabalho, mas o ajuste não se dará via aumento do desemprego, e sim por redução real de salário e precarização das vagas. Ou seja, o número de trabalhadores do setor informal vai crescer.

Gonzaga traça um paralelo com a recessão que arrasou o país nos dois primeiros anos do Governo Collor. A produção brasileira despencou, o mercado de trabalho "ficou péssimo", diz ele, mas o desemprego se manteve abaixo de 5%. Isso acontece, raciocina, porque as empresas usam a inflação para reduzir o custo da folha de pagamentos. Especialmente agora que os mecanismos de indexação já não integram os acordos trabalhistas.

— Algumas categorias até conseguirão se reindexar se a inflação subir muito, mas a grande maioria dos trabalhadores terá a renda reduzida — diz ele.

José Pastore, outro especialista em economia do trabalho, também fala em queda na renda tanto pelo desemprego quanto pela inflação. Desde 95, o Governo proibiu a correção automática dos salários por índices de preços, nu-

ma medida provisória que até hoje não foi transformada em lei. Ainda assim, Pastore antevê negociações duras por reposição salarial, envolvendo empregados, patrões e a Justiça do Trabalho, em caso de escalada da inflação.

Renda maior pode ter causado desemprego, diz economista

Economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Marcelo Neri, acredita que o aumento da renda depois do Real pode até ter contribuído para o aumento do desemprego, que em 98 bateu o recorde histórico de 7,59% na média do ano. Desde a implementação do plano, a renda média dos trabalhadores passou de R\$ 494 para R\$ 569 por mês. A queda da inflação foi especialmente favorável para os autônomos, que viram seus ganhos subirem de R\$ 383 para R\$ 482.

— Ninguém será louco de permitir o aumento descontrolado dos preços, mas uma pequena inflação pode devolver flexibilidade às relações de trabalho. Num cenário de crise, os trabalhadores preferem ganhar menos que ficar sem emprego — opina Neri. Apesar disso, o economista do

Ipea reconhece que a atual conjuntura trará prejuízos aos brasileiros. Neri se debruçou sobre os resultados da Pesquisa Mensal de Emprego de 82 a 98 e observou a influência das chamadas variáveis macroeconômicas sobre o mercado de trabalho. Concluiu que a variação do câmbio não tem correlação com a renda da população em idade ativa (a PIA, que inclui os ocupados, os desempregados e os inativos com idade para trabalhar).

— A desvalorização da moeda não provocou efeito significativo sobre os salários. Isso não quer dizer que não haja benefícios para um ou outro segmento. A indústria e a agricultura tendem a se beneficiar, em detrimento dos setores de comércio e serviços. É exatamente o contrário do que ocorreu enquanto o real esteve valorizado — afirma.

O trabalho de Neri mostra, contudo, que a mudança na política cambial pode ter um efeito sobre a renda por influenciar juros e inflação. Segundo ele, cada 10% de aumento nos juros reduz em 8,2% a renda real média dos brasileiros. Da mesma forma, cada 10% a mais nos índices de preço faz a

remuneração cair 0,5%. O desemprego é outro elemento nocivo: cada 10% de aumento na taxa faz a renda real cair 4,1%.

Frentes de trabalho podem ser saída para grupos mais pobres

Por temer efeitos como esses, o diretor do Departamento de Economia da PUC defende medidas que reduzam o impacto da crise cambial sobre a população de baixa renda. A solução poderia estar em frentes de trabalho organizadas pelo Governo e outros programas de geração de renda. Ele lembra que o Brasil está entre as dez maiores economias do mundo, mas tem um dos três maiores índices de concentração de renda do planeta: os 10% mais ricos detêm nada menos que metade da riqueza nacional.

— Cerca de 20% dos trabalhadores brasileiros ganham menos de um salário-mínimo por ano. Um país desse tamanho não pode ter um nível de pobreza tão alto, se comparado com o tamanho da renda *per capita* — afirma. E ainda pode piorar. ■

• MISSÃO DO FMI CHEGA AO PAÍS PARA REVER METAS na página 38